

Prof. Otávio Drummond
Prof. Arlindo P. Gonçalves
Prof. Edson Potsch Magalhães
Prof. A. Secundino São José
Prof. Jurema Soares Aroeira

VOL. VIII

N. 43

VIÇOSA — MINAS

Caixa postal, 4 — ESAV — E. F. Leopoldina

Palestras Agrícolas

EDGARD DE VASCONCELOS (*)

Não há necessidade de ressaltar aqui a importância e o valor das palestras agrícolas, como meio de educação de nossas populações rurais. Pois, é ainda através da ação pessoal, exercida sobre essas populações que haveremos de melhorar as nossas *comunidades*; sob o ponto de vista *econômico e social*.

Já outros povos provaram, através de resultados palpáveis, a importância das reuniões rurais, como fator de progresso da *sociedade rural*. Seguindo, pois, a sua trilha e a sua experiência, apresentamos, hoje, nas linhas que se seguem, um pequeno esboço para a organização dessas importantes palestras agrícolas, que tão benéficos resultados poderão produzir entre nós. Já perdemos muito tempo, neste particular, e urge recuperar o tempo perdido.

Desde já, porém, salientamos que a palestra agrícola como nós a concebemos aqui, será apenas um núcleo em torno do qual havemos de organizar uma série de atividades a serem desenvolvidas com o alto objetivo de preparar o homem rural para a vida econômica e social. Disso se segue, que a palestra agrícola não pode ser trabalho de um único indivíduo, mas de um grupo bem treinado, ou de uma equipe, dentro da qual haja perfeita distribuição de funções entre os indivíduos que a constituem. Para ser levada a efeito, a palestra agrícola deverá ser:

a) Planejada

(*) Prof. de Sociologia Rural da ESAV.

- b) Anunciada
- c) Apresentada

Ora, para isso é necessário treinar indivíduos, de modo que uns, com o auxílio dos outros, possam realizar uma série de atividades, como havemos de demonstrar mais adiante. Pois, toda palestra agrícola deverá: *divertir, informar e instruir* os habitantes rurais a respeito de um grande número de problemas relacionados com o trabalho e com a vida rural. Em síntese, a finalidade principal da palestra agrícola é fazer do homem rural um *técnico* e um *cidadão*, isto é, um indivíduo com conhecimentos mais racionais e menos empíricos do seu trabalho, e uma noção mais exata dos deveres, das atitudes, enfim, do comportamento, que deve ter em face das diferentes *situações sociais* que o envolvem.

No planejamento da palestra agrícola, todas as fases do trabalho deverão ser previstas. Para isso, a medida que se impõe preliminarmente, é a organização das comissões que irão conduzir o trabalho em todas as suas fases. E uma palestra agrícola, por mais simples que seja, sempre envolve o trabalho das seguintes comissões:

1. Comissão de anúncio
2. Comissão de recepção
3. Comissão de anedotas
4. Comissão de perguntas
5. Comissão de palestras agrícolas
6. Comissão de "lunch"
7. Comissão de música
8. Comissão de jogos e brincadeiras
9. Comissão de cinema e teatralização.

Cada uma dessas comissões deverá ser constituída, no mínimo, por dois indivíduos. Pois, sem o concurso de, pelo menos, duas pessoas, não é possível apresentar qualquer trabalho proveitoso e útil. Além disso, é necessário que todas essas comissões trabalhem, harmonicamente, sob a direção ou supervisão de uma só pessoa, sob pena de falharem, lamentavelmente, em todas as suas iniciativas. Assim sendo, estudaremos, agora, a seguir, o trabalho de cada uma dessas comissões, afim de que se tenha uma idéia exata sobre a maneira de organizar uma palestra agrícola.

1. **Comissão de anúncios** — A comissão de anúncios, depois de planejada a palestra, se encarregará de estimular o interesse dos agricultores para as várias atividades que se irão realizar. Para isso se servirá dos meios adequados, através de uma propaganda inteligente e bem dirigida, informando os interessados a respeito do *local, dia e hora* em que se realizará a reunião. Além disso, poderá ainda informá-los a respeito dos trabalhos que serão apresentados e das pessoas que participarão, ativamente, desses trabalhos.

Mas, para que essa propaganda colha os resultados desejáveis, é mister que os anunciantes conheçam bem a psicologia do homem rural e saibam servir-se dos meios mais eficazes para criar, entre eles, o *interesse*, de modo a arrancá-los do sedentarismo da vida rural, em que sempre têm vivido. E para lograr isto é necessário que o estímulo seja forte, isto é, que a propaganda seja bem feita e bem conduzida, sem o que não conseguirá modificar os seus hábitos, ou arrancá-lo do *mesmismo* a que se acostumou dentro dos seus domínios rurais. Pois, ele está habituado a fazer todos os dias a mesma cousa, a ver as mesmas pessoas, a conversar a respeito dos mesmos assuntos, e é extremamente difícil alterar o seu *programa de vida*. Mas, apesar de tudo isso, no fundo do seu espírito, ainda existe uma chama que a propaganda irá reavivar, através do seu sopro de vida. Bem se vê, que é importantíssimo o papel dessa comissão de anúncio. Dela é que depende, em grande parte, o êxito da reunião. Temos observado, vezes sem conta, que a maior ou menor frequência às nossas "Semanas do Fazendeiro" tem dependido, seriamente, do esforço expendido na sua propaganda. Muitas reuniões rurais não logram, geralmente, os resultados almejados, apenas porque a sua propaganda não chega a abalar o homem rural. Daí a importância que se deve dispensar à organização e ao trabalho dessa comissão. Os indivíduos que a constituírem deverão, pois, ter bastante experiência sobre a maneira de anunciar. Além disso, necessitam de ser assistidos dos recursos necessários ao desenvolvimento da propaganda.

2. **Comissão de recepção** — Feito, pois, o anúncio de maneira adequada, e despertado o *interesse* do homem rural, só resta a execução das atividades planejadas, e aí é que começa o trabalho da comissão de recepção. Desde já salientamos que, para maior êxito das atividades a serem realizadas, deve ser esta comissão constituída do *padre da freguesia mais próxima* e da *professora rural*. Essas duas

pessoas gozam em geral de bastante consideração entre as nossas populações rurais e isso poderá assegurar, grandemente, o êxito da frequência e dos trabalhos da palestra agrícola.

Pois, em virtude da consideração de que desfrutam e da confiança que inspiram, nenhum movimento, tendente à alteração dos *velhos padrões* de nossa vida rural, poderá ser levado a efeito, com êxito, sem a colaboração do padre e da professora rural. Eles é que emprestarão todo prestígio moral a essas iniciativas, atraindo para elas a boa vontade e a simpatia dos habitantes rurais. O padre, principalmente, poderá prestar inestimável concurso à renovação da nossa vida rural, e só com ele à frente é que poderemos realizar, com "sucesso", qualquer trabalho, nesse terreno. Só mesmo aquele que não conhece o espírito profundamente religioso de nossos habitantes rurais, poderá negar ao padre essa influência enorme que exerce no seio de nossas comunidades rurais. A cruz, que é símbolo de fé, se encontra em tôda parte, no meio rural: à beira das estradas, à porta dos casebres, em frente à casa da fazenda. Em tôda parte, ela abre os braços àqueles que percorrem o meio rural. É por isso que devemos dar ao padre lugar destacado nesse trabalho patriótico de renovação da nossa vida rural. Por outro lado, não devemos, também, sub-estimar o valor da professora rural, a quem os nossos fazendeiros confiam a educação de seus filhos e abrem, de par em par, as portas do lar.

Acostumados a viver com os habitantes rurais, o padre e a professora conhecem os seus hábitos, o "seu sistema", o seu temperamento. os seus *padrões de moralidade*, enfim, a "sua psicologia". Por isso, numa reunião rural, podem recebê-los com cordialidade, criando um ambiente favorável à expansão da sua *pessoa*, isto é, um ambiente de absoluta naturalidade, despido de qualquer *formalismo*. E isso é de suma importância no ajustamento do *homem rural* a essa nova *situação social*, que cria para ele a palestra agrícola. Se êsse ajustamento não for perfeito, isto é, se ele não se sentir bem à vontade, durante a reunião, é certo que não voltará jamais a ela. Daí a importância da *comissão de recepção*. O padre e a professora desempenham, portanto, papel saliente na criação de um ambiente favorável e agradável aos frequentadores da palestra. É convém participar dessas palestras homens e mulheres, interessados nos problemas que dizem respeito ao trabalho e à vida rural; Pois, o ambiente há de ser, em tudo, o mais natural possível, e o padre e a professora se encarregarão de manter animada

palestra com êsses frequentadores até que se iniciem, propriamente, os trabalhos da reunião.

3. **Comissão de anedotas** — Pode parecer estranho a muita gente que, numa cousa tão séria, como é uma palestra agrícola, se venha falhar aqui na organização de uma comissão destinada a preparar e apresentar algumas anedotas aos agricultores, reunidos numa sala, ou mesmo ao ar livre. Essa estranheza, porém, desaparece, logo que constatamos, praticamente, os efeitos de uma boa anedota no espírito dessa gente, retraída e tímida, que vem às reuniões com verdadeiro horror de cometer uma “falta”, ou ser alvo de ridículo. A anedota, além de divertir, ajuda os frequentadores a vencer a sua timidez e a se considerarem senhores de sua própria pessoa. Pois, geralmente, elas quebram o “ar de protocolo”, de puro formalismo que existe, comumente, nestas reuniões. Além disso, para estimular a atenção dos ouvintes e obter deles *boa disposição*, é necessário começar a palestra com alguma cousa que os divirta, de modo que não percebam, no ambiente, nenhuma “*situação artificial*”. Tudo aí deve ser natural, absolutamente natural.

Convém incluir, portanto, na comissão de anedotas, indivíduos vivos, desembaraçados que possam narrar, sem constrangimento, para os ouvintes, um fato jocoso qualquer, ou de referir para êles uma anedota, de modo a diverti-los e a pô-los à vontade. Nunca se deve, logo no primeiro contacto, obrigar os assistentes a *pensar* ou concentrar demasiadamente a sua atenção em cousas que demandem esforço e raciocínio. Suponhamos, por exemplo, que tivéssemos de apresentar-lhes uma palestra sobre *conservação de solo*. O assunto, à primeira vista, poderia parecer árido, mas quando os ouvintes são preparados com boas anedotas, no início do trabalho, tudo o mais correrá suave e sem dificuldades, como demonstraremos mais adiante.

À comissão de anedotas incumbe, pois, descobrir e apresentar, nessa ocasião, algumas anedotas, mais ou menos relacionadas com a vida e com o trabalho do homem rural. Isso, geralmente, produz efeito benéfico no espírito dos frequentadores da palestra, pois, estimula-os de maneira considerável, produzindo neles boa disposição espiritual e tornando-os participantes mais ativos dos trabalhos da reunião.

Esta medida preliminar é de suma importância na apresentação de qualquer palestra. E mais interessante seria ainda se a própria *comissão* pudesse conseguir que alguns dos frequentadores referissem, também, aos outros, as suas

anedotas. Isso os ajudaria muito a vencer a sua timidez e a se julgerem auxiliares ativos dos organizadores da palestra. Pois, há pessoas que experimentam um prazer enorme em ajudar a outras em qualquer atividade. Bem se vê, por aí, que não é menos importante o papel dessa comissão de anedotas.

4. Comissão de perguntas — Apresentadas, assim, as anedotas, os ouvintes estarão, certamente, de espírito desanuviado, bem dispostos e em condições de receber alguns conhecimentos úteis. Nesta altura é que intervém a comissão de perguntas, por intérmédio de um ou dois de seus representantes. Depois de cuidadosa preparação, apresentará ela algumas perguntas aos ouvintes em forma de adivinhação. Entre essas perguntas, ao lado das que constituirão mero recreio espiritual, haverá outras que encerrarão profundos conhecimentos, ou práticas de real utilidade à vida e ao trabalho rural. Também, para apresentação dessas perguntas é bom escolher um indivíduo vivo, desembaraçado, capaz, por seus dotes espirituais, de manter o *tonus de interesse* da assistência, sem cansá-la. A apresentação dessas perguntas despertará, também, muito estímulo entre os ouvintes que encontram, nelas, oportunidade de ter uma participação mais ativa na palestra.

Não é de “boa política”, formular questões ou perguntas de resposta muito difícil ou muito fácil. Pois, as de resposta muito fácil geram o desinteresse, e as de resposta muito difícil provocam o cansaço. Se entre essas perguntas houver alguma que se relacione com o assunto da *palestra agrícola*, propriamente dita, o palestrador terá oportunidade de fazer sobre elas um mais demorado desenvolvimento, afim de satisfazer a curiosidade daqueles que não as puderam responder.

Seria interessante, também, que, nesse momento, a própria *comissão* estimulasse o aparecimento de perguntas, formuladas pelos ouvintes, pois, certamente, alguns, talvez, desejem fazer aos demais as suas perguntas curiosas. Isso, além de ser para eles uma coisa divertida, os auxiliaria, também, a vencer a timidez, e a por em circulação a *cultura*.

Convém que as perguntas sejam simples e claras, de modo que possam ser perfeitamente compreendidas pelo homem rural. Nada de expressões eruditas, ou de termos empolados. Convém que as perguntas não fujam à expressão: “O que é, o que é?”, tão do gosto da nossa gente rural. Muita coisa interessante e útil se costuma ensinar através

de perguntas dessa natureza. Daí a responsabilidade da comissão de perguntas, na apresentação da palestra agrícola.

5. Comissão de palestras agrícolas — A essa comissão incumbe estudar e apresentar sugestões e meios para a solução de alguns problemas que afligem o homem rural. É uma comissão de grande responsabilidade, cujo trabalho se divide em duas fases: uma de *pesquisa* e outra de *ação*. Na primeira fase, a comissão estuda os “problemas” mais instantes de determinada região, dentro da qual será apresentada a palestra agrícola. Na segunda, os meios de resolvê-los ou de combatê-los. Para isso, é preciso estudar, sobretudo, o *interesse* dos agricultores. Dentro desse *interesse* podemos fazer muita coisa que se relacione com o seu trabalho e com a sua vida. Pois, o que é mister realizar, em primeiro lugar, é prometer-lhes, no *anúncio* da palestra, algo que diga respeito às coisas em que estão vivamente interessados.

Seria, por exemplo, absolutamente desinteressante para os agricultores de uma localidade, preocupados em produzir milho e criar porcos, anunciar-lhes uma palestra sobre *trigo* ou sobre a *cultura do marmelo*. Todavia, esses conhecimentos poderiam vir, na palestra, em plano secundário, se, de fato, o palestrador tivesse interesse em despertar, no espírito dos agricultores dessa localidade, interesse por essas culturas. Disso se segue que a responsabilidade da comissão de palestras agrícolas é enorme. Além disso, estará ela obrigada ao estudo de um grande número de problemas nos quais os agricultores não se sentem conscientemente interessados, mas para os quais devem voltar as suas vistas, sob pena de continuarem marcando passo a vida inteira. Esses problemas, ora são de ordem social, ora de ordem econômica. E os membros da comissão de palestras agrícolas precisam estudá-los com carinho e apresentá-los com habilidade.

Na apresentação da palestra agrícola, é de toda conveniência que o palestrador seja absolutamente natural, de modo a não deixar perceber aos ouvintes que irá fazer um “discurso”. Urge quebrar, por todos os modos possíveis, “o protocolo do discurso”, que, às vezes, gera uma situação desagradável, não só para quem fala, mas também para quem ouve. O tom há de ser de palestra, de conversa despretenciosa, de aula simples, de explicação natural. Durante a palestra, nada impede, porém, que o palestrador conte, a sua anedota, faça as suas perguntas aos ouvintes, ou for-

mule questões. Neste último caso, seria de toda conveniência que, ao formular as perguntas e questões, o próprio palestrador as respondesse, prontamente. Isso evitaria a interrupção da palestra, a confusão, o tumulto. Suponhamos, por exemplo, que fôssemos discorrer sobre *conservação de solos*, como já dissemos linhas acima. No desenvolvimento da palestra poderíamos formular as seguintes perguntas: *Que é erosão? Quais são as suas causas? Quais são os malefícios que provoca? Como combater ou controlar a erosão?* Essas perguntas seriam interessantes porque dariam aos ouvintes um seguro roteiro para acompanharem e reconstituírem, depois, a palestra. Quando se fala a um auditório heterogêneo e de pequeno nível de cultura, o melhor método para a exposição é o que se obtém através dessas *perguntas chaves*, que geram interesse no espírito daqueles que nos ouvem. Uma vez formuladas essas perguntas, todos estarão vivamente interessados em saber como é que irão ser respondidas.

Na apresentação de uma palestra agrícola, não é conveniente exceder de trinta minutos, e é vantajoso que os assuntos sejam apresentados de maneira objetiva e concreta, em linguagem simples e à altura da compreensão do homem rural. Só mesmo em casos especiais deverá aparecer o termo técnico, mesmo assim, é aconselhável que venha acompanhado de explicação. Nada de preocupações terminológicas. Nada de citações de autores, ou de discussão de teorias ou de doutrina. Tudo deve ser muito simples, como se o palestrador colhesse o material da sua palestra na própria vida, e não nos livros. Antes de terminar a palestra, seria interessante, também, que o palestrador procurasse provocar algumas perguntas ou questões da parte dos ouvintes. Essa pergunta, em geral, traz muita luz, não só a quem ouve, mas também a quem fala.

Eis aí como compreendemos a *palestra agrícola*, como meio capaz de influir, de maneira decisiva, no melhoramento de nossas comunidades rurais, sob o ponto de vista econômico e social.

6. Comissão de "lunch" — Qualquer que seja a hora escolhida para a realização da palestra, é sempre uma coisa delicada e de grande alcance social, oferecer aos ouvintes uma xícara de chá e alguma coisa que lhes entretenha o paladar. Pelo menos, é assim que procedemos em nossa casa, quando somos visitados por alguém, ou quando convidamos alguém para auxiliar-nos em qualquer trabalho. A

refeição, por mais simples que seja, solidariza os indivíduos e faz com que esqueçam as suas pequenas diferenças individuais, aproximando, melhor, uns dos outros. O próprio Cristo nos ensinou isso no "Cenáculo". Os banquetes, os chás, os "lunchs" não têm outra finalidade. Além disso, a reunião em torno da mesa dá oportunidade a que uns indivíduos exerçam influências socializadoras sobre outros. Pois, "é na mesa e no jogo que se conhecem as pessoas educadas", conforme diz a sabedoria popular.

Dêsse modo, a *comissão de "lunch"* ficará com a responsabilidade de preparar um ambiente agradável, limpo e interessante para a realização do chá, tomando tôdas as providências necessárias para que nada falte aos ouvintes, e tudo concorra de modo a aumentar-lhes a satisfação e o desejo de estar ali, gastando algumas horas da vida, em convívio amistoso e cheio de estímulo com outras pessoas. Eis aí a sua importância e a sua grande responsabilidade.

7. *Comissão de música* — Terminado o "lunch" ou o chá, é necessário prosseguir ainda um pouco mais nas atividades da reunião, afim de que se possa completar o preparo dos ouvintes para as reuniões futuras. É por isso que se recomenda oferecer-lhes, em seguida, uns dez a quinze minutos de boa música. Todos nós sabemos do poder extraordinário que a música exerce sobre o espírito e a sensibilidade do homem rural. Por isso não devemos esquecê-la como fator de socialização e como força capaz de nos auxiliar na criação do *espírito de comunidade*. Convém que a *comissão de música* escolha algumas peças interessantes, inspiradas em motivos rurais, tão do gosto da nossa gente do campo. Felizmente, neste particular, a música brasileira possui um repertório variadíssimo. Mas, é preciso, neste particular, consultar o *gosto popular* dos habitantes rurais. Pois, nada os enfadaria mais do que um "clássico". É que o seu espírito e a sua sensibilidade não estão ainda convenientemente preparados para compreender "o prazer secreto" dessas grandes partituras, que pressupõem gosto refinado e espírito culto.

8. *Comissão de jogos e brincadeiras* — Além das atividades acima descritas, é bom oferecer aos assistentes, durante essas reuniões, um pouco de jogos e brincadeiras, afim de divertí-los e de estimular o hábito de vida social.

Êsses jogos e essas brincadeiras concorrem grandemente para a formação do *espírito de comunidade*, dêsse sen-

timento do "nós", que os americanos do norte denominam pitorescamente de "we feeling". Dêsses jogos e brincadeiras se encarregará também uma *comissão* própria. Os membros dessa comissão devem ser indivíduos alegres, vivazes, brincalhões e de espírito esportivo bem formado. Para organizar e apresentar êsses jogos e brincadeiras terão que estudar, não raro, o gôsto e a predileção do homem rural, em certos aspectos, um tanto exigente em suas diversões.

Muitos jogos e brincadeiras inocentes poderão ser organizadas por essa comissão, de modo a divertir e instruir os assistentes acêrca de certas atitudes ou comportamento que precisam apresentar em determinadas situações sociais. Uma brincadeira muito interessante e muito do gôsto da nossa gente rural é aquela que as crianças denominam de "cabra-cega". Pois bem, essa brincadeira dá margem para uma outra ainda muito divertida. Se não vejamos: Durante a reunião, coloca-se diante dos ouvintes um *quadro negro* no qual se traça, a giz, uma circunferência. Feito isso, escolhe-se, entre os ouvintes, uma pessoa, coloca-se em seus olhos uma venda e, em seguida, pede-se-lhe que procure colocar, com um giz, o centro na circunferência. Antes, porém, de iniciar a brincadeira, um dos membros da comissão, dará algumas voltas pela sala ou pelo pátio com o ouvinte que tem os olhos vendados. Depois disso, fará êle as suas "tentativas". Em pouco tempo se verá que tôda a assistência está ansiosa por ter, também, a "sua oportunidade", principalmente se a brincadeira ou o jogo for realizado, sob promessa de um prêmio àquele que mais se aproximar do centro da circunferência. Esses jogos e brincadeiras são de valor social inestimável, e muito concorrem para a formação de atitudes sociais. É, a comissão de jogos e brincadeiras cumpre prepará-los e apresentá-los, não só com intuito de divertir, mas também de educar o povo rural.

9. *Comissão de cinema e dramatização* — Ninguém pode negar, também, a influência decisiva que o cinema exerce sobre o espírito da nossa gente rural. Para muitos constitui êle ainda uma verdadeira "novidade". Daí a atração espantosa que exerce sobre o ânimo dos habitantes do campo, deslocando-os de suas comunidades, arrancando-os do seu sedentarismo. Por isso, na propaganda da palestra agrícola, deve dar-se ênfase ou relêvo especial à *sessão de cinema* que, então, se oferecerá aos assistentes. Pois, o cinema possui grande força magnética sobre as populações campestres. Durante a sessão cinematográfica é recomendável, ao lado da exibição de "desenhos animados", a de films

educativos, que representem, ao vivo, aspectos da vida rural, com todos os seus encantos e perigos, de modo a incutir, no espírito dos frequentadores, algumas noções úteis sôbre o trabalho e a vida do campo.

Quando, de todo não fôr possível a exibição de films dessa natureza, torna-se necessário que a *comissão* organize pequenas representações teatrais, ou “esquetes”, com o objetivo de completar o programa da palestra. O interessante seria se a representação pudesse ser levada a efeito com o concurso dos próprios assistentes. Para isso, é bastante que a comissão estude algumas “situações curiosas” afim de com elas, surpreender os ouvintes. Para que se tenha uma idéia nítida dessas “situações”, ou “surpresas”, vamos dar aqui um exemplo.

Coloca-se na sala ou no pátio, em frente aos assistentes, um estrado, sôbre o qual se apresentarão os “esquetes” ou as dramatizações. Em seguida, um dos membros da *comissão*, uma jovem, por exemplo, virá à assistência e aí, com habilidade, convidará uma senhora a participar do trabalho que se vai apresentar. Depois disso, outro membro da comissão — um moço, ou um velho — convidará um cavalheiro a assumir a mesma posição. Conseguídos assim, os “dois artistas”, dar-se-á começo ao “esquete” ou a dramatização. A jovem que faz parte da comissão dirá à senhora o seguinte: “Suponhamos que este homem que aqui está, seja seu marido. Se a senhora o encontrasse caído e embriagado numa estrada, que faria? Esta é a questão. A resposta e a atitude poderiam ser várias, mas para cada *situação social* só há uma atitude correta. Suponhamos que a senhora dissesse que “espancaria o marido, ou o arrastaria até onde pudesse”. Nesta altura, a jovem da comissão interviria, no “esquete” ou na dramatização para dizer à “artista” qual deveria ser o seu procedimento para com o marido, em semelhante situação. Essa explicação haveria de ser útil não só para os “participantes da peça”, mas também para todos aqueles que a ela estivessem assistindo. Depois disso, o moço, ou o velho da *comissão* faria a mesma coisa com o cavalheiro, formulando-lhe algumas perguntas e simulando “faltas” ou “defeitos” em sua “suposta esposa”, para, no fim, dar-lhe, também, a instrução necessária.

Com relação à vida doméstica, principalmente sôbre a educação dos filhos, possui a comissão de cinema e dramatização, um material inesgotável do qual poderá servir-se, com vantagem, nestas ocasiões. Muito pouco se tem feito, entre nós, neste sentido, mas muito se poderá fazer ainda, no intuito de divertir e de educar a nossa gente rural.

Eis aí, em poucas palavras, como concebemos a palestra agrícola. Bem planejada, bem anunciada e bem apresentada poderá dar resultados espantosos, operando, em pouco tempo, uma verdadeira transformação no seio de nossas *comunidades rurais*, melhorando-as sob o ponto de vista econômico e social. E se, terminada a palestra, os frequentadores levarem consigo o pesar de que ela tenha durado pouco tempo, então podemos ter certeza de que o trabalho agradou plenamente, e que estarão dispostos a voltar às futuras reuniões que se realizarem, sob os nossos auspícios.

Para completar êsse esboço, daremos, no próximo número, um esquema de palestra agrícola, compreendendo o trabalho das várias comissões, que irão planejar, anunciar e apresentar essas atividades. Esta parte prática será apenas um roteiro que poderá variar de acôrdo com as condições do ambiente em que há de ser apresentada a palestra. Vale, portanto, apenas como uma orientação geral, ficando os aspectos particulares para serem modificados ou introduzidos de acôrdo com os seus organizadores.

(Conclue no próximo número)